



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

VELHICE E ENVELHECIMENTO: EM BUSCA DE UMA VISÃO HUMANÍSTICA

Ana Karenina Ribeiro de Almeida, UFPB, akr.almeida@gmail.com

Juvencio Almeida, UFPB, juvencio.almeida@hotmail.com

1. Introdução

Desde o início da humanidade existe a preocupação com o processo de envelhecimento por parte dos seres humanos, caracterizando como as diversas sociedades trataram os idosos: umas de maneira respeitosa, valorizando suas experiências acumuladas, e outras os posicionando numa situação de isolamento social. Esta forma de tratamento está relacionada com a noção de velhice perpassada nas sociedades e com as políticas públicas empregadas para a inclusão dos mesmos. A qualidade de vida do idoso, portanto, está diretamente relacionada à noção de envelhecimento e velhice presente no imaginário coletivo.

A noção de envelhecimento, desde a antiguidade até os dias atuais, situa-se basicamente em três tipologias de classificações, que traduzem a mentalidade da época a respeito do idoso. Estas foram discutidas por autores como Jeckel-Neto (2002), Cunha (2002), Neri (2002), Siqueira (2001, 2002), entre outros, a saber: Teorias biológicas, psicológicas e sociológicas do envelhecimento. A partir do entendimento de tais classificações podemos afirmar que a noção de velhice e envelhecimento foi se aprimorando conforme as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo, uma vez que as vertentes meramente biológicas e psicológicas não foram suficientes para interligar, nos dias atuais, conhecimentos e reflexões teóricas antes vistas como dissociadas, a exemplo da relação entre idoso, inclusão social e qualidade de vida. Isto requer desenvolver estudos sociológicos, possibilitando entender as diversas problemáticas que se relacionam com a velhice.

O objetivo deste estudo é apresentar as visões de velhice e as Teorias do envelhecimento (biológicas, psicológicas e sociológicas), relacionando-as com uma perspectiva humanística, baseando-se na classificação acima mencionada.

2. Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi de cunho qualitativo por meio de uma revisão bibliográfica sobre as seguintes temáticas: velhice, Teorias do envelhecimento (biológicas, psicológicas e sociológicas), mudança de mentalidades e qualidade de vida.

3. Resultados e Discussão

No que se refere às Teorias biológicas do envelhecimento, Jeckel-Neto e Cunha (2002) afirmaram que antes do século XX, o estudo da longevidade e do envelhecimento situou-se no campo da Biologia, sendo tratados como temáticas secundárias e de modo superficial pela Genética, Bioquímica e Fisiologia.

Ao realizar estudos históricos sobre a noção de velhice e envelhecimento Beauvoir (1990) afirmou que no período medieval, de modo geral, não houve preocupação por parte dos poderes estabelecidos em desenvolver a medicina e, dessa maneira, a velhice “permaneceu muito mal conhecida”. Porém, conforme a autora ocorreu exceções, como Avicena, discípulo de Galeno, que escreveu sobre as doenças e perturbações mentais dos idosos, além da Escola de Salerno, onde surgiu a medicina Ocidental, que elaborou os “regimes de saúde e de longevidade”.

Conforme nos informou Beauvoir (1990), no século XIII, Roger Bacon considerou a velhice como uma doença e a relacionou com a higiene. Em meados do século XIX, surgiu a Geriatria, sobretudo na França, onde foram construídos vários asilos para idosos. Porém, neste período ainda não se usava tal denominação. Todas as obras sobre a velhice no final do século XX se resumiam



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

aos tratados sobre higiene. Em 1992, o americano Nascher constituiu a Sociedade de Geriatria de Nova York, fundando a Geriatria.

A partir de 1930, com o processo de industrialização, foram desenvolvidas pesquisas nos Estados Unidos sobre velhice, pois o número de idosos crescia e a demanda por força de trabalho concentrou muitos deles nas cidades, resultando em vários problemas psicossociais. A problemática da velhice deixou de ser apenas uma questão biológica, passando a ser também psicológica e sociológica.

No que se refere à perspectiva das Teorias Psicológicas do envelhecimento, Neri (2002, p. 33) lembrou que “a Psicologia dos anos 70 do século passado considerou a velhice como um período involutivo, marcado por declínio e estagnação universais e irreversíveis, de origem biológica”. Esta visão foi influenciada pelo Behaviorismo, que enfatizou a falta de possibilidade de mudança de comportamento na velhice. Esta visão da Psicologia do Desenvolvimento defendeu que o desenvolvimento é interrompido após a adolescência, contribuindo para situar a velhice como uma fase da vida em que não deveria haver investimentos, por parte dos psicólogos. Após pesquisas e testes, os defensores desta concepção defenderam que o desempenho da inteligência decaía conforme o aumento da idade, difundindo a “ideologia da velhice como fase de declínio”.

Esta lógica relaciona-se a noção de produção dentro do capitalismo industrial, pois, quanto mais se envelhecia, menor a produtividade e, dessa maneira, se entendia como um retrocesso e involução irreversível. O denominado “modelo deficitário de desenvolvimento mental na vida adulta” ainda hoje apresenta repercussões no imaginário coletivo sobre o idoso, sobretudo quando as sociedades perpassam a ideia de que todos os idosos são depressivos, pobres e isolados, apoiando-se em pesquisas que desconsideram que cada idoso possui uma carga cultural diferenciada (Neri, 2002).

As Teorias sociológicas do envelhecimento, de acordo com Siqueira (2002) [apoiando-se em Hendricks e Achenbaun (1999), Bergston, Burgess e Parrot (1997)] iniciaram sua sistematização na década de 60, no contexto norte-americano, permitindo compreender o envelhecimento e a velhice a partir de aspectos individuais e sociais.

Siqueira (2002) destacou três gerações no âmbito dessas teorias, a saber: a primeira (1949-1969) enfocou o indivíduo nos papéis sociais e normas, apresentando como se dava o ajustamento social, entendendo o envelhecimento como independente do contexto, visto como dados fixos da realidade social. A segunda geração (1970-1985), afirmou que as mudanças nas condições sociais influenciavam no processo de envelhecimento, considerando o estudo dos idosos e suas condições de vida a partir do lado macrosocial. A terceira geração (1985 até os dias atuais) aborda os aspectos estruturais do envelhecimento, considerando a “distribuição desigual dos recursos econômicos” (p.47) como fator preponderante para que se entenda a problemática do envelhecimento, mas, ao mesmo tempo, aborda o nível microssocial, defendendo que os idosos também possuem atuação neste processo, na medida em que criam significados sobre o seu envelhecimento.

Na terceira geração situa-se a Teoria crítica, proveniente de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Habermas), que emergiu recentemente na gerontologia, em que existe uma nítida influência da abordagem político-econômica de Marx. Elencando alguns aspectos que tal teoria trabalha, podemos citar:

- a) a subjetividade e a dimensão interpretativa do envelhecimento, b) a práxis, entendida como a de envolvimento em ações que visem mudanças, tais como **propostas de políticas públicas** para a população idosa; c) a importância da união entre acadêmicos e profissionais, através da práxis, para a produção de conhecimento que enfoque o envelhecimento como processo emancipatório; d) a necessidade de crítica ao conhecimento já existente, à cultura e à econômica vigente para criação de modelos positivos de



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

envelhecimento que ressaltem a força e a diversidade do processo (Siqueira, 2001, p.55, grifo nosso).

Nesta perspectiva, a principal contribuição desta geração foi propor uma abordagem mais humanística do processo da velhice e do envelhecimento, buscando desenvolver mais pesquisas e ações efetivas para aprofundar o debate sobre esta temática.

4. Conclusão

A influência dos fatores econômico-sociais nos estudos sobre velhice e envelhecimento mostram as limitações da abordagem meramente biológica e psicológica na explicação desta temática, sobretudo quando se trata de relacioná-la com qualidade de vida. Concorda-se com Beauvoir (1990) ao afirmar que é impossível compreender a velhice sem se reportar a gerontologia, mas seus estudos não são suficientes. Sendo assim, os estudos sobre velhice e envelhecimento devem incluir aspectos sociais, políticos e ideológicos, uma vez que esta conjunção contribui para desconstruir os preconceitos e estereótipos que são criados em torno da velhice, pois não é possível relacionar esta temática à qualidade de vida dos idosos, em diferentes sociedades, sem incluir uma análise sociológica aprofundada que contribua para esta desconstrução.

5. Referências

Beauvoir S, A velhice, O mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos, Maria Helena Franco Monteiro (trad.), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Jeckel-Neto, EA, Cunha, GL, Neri AL, Siqueira MEC, Tratado de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2002.

Bassit AZ, Witter C, Envelhecimento: objeto de estudo e campo de intervenção, Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas, Org: Geraldina Porto Witter, p. 15-31. Ed. Alínea, 2007.



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Siqueira, MEC, Teorias sociológicas do envelhecimento. In: Neri, AL, Desenvolvimento humano: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas, Campinas: Papyrus, 2001.